



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS

Renata Coely Araújo Montenegro

Análise dos paratextos de *Haiti Chérie* (1991) e *Rêves Amers* (2001) de Maryse Condé

Maceió-AL  
2022

Renata Coely Araújo Montenegro

Análise dos paratextos de *Haïti Chérie* (1991) e *Rêves Amers* (2001) de Maryse Condé

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus A.C Simões, como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciada em Letras-Francês na Universidade Federal de Alagoas.

Orientação: Prof. Dr. Kall Lyws Barroso Sales.



**ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A:** Renata Coely Araújo Montenegro **MATRÍCULA:** 16211088, **TÍTULO DO TCC:** Análise dos paratextos de Haïti Chérie (1991) e Rêves Amers (2001) de Maryse Condé

Ao(s) 19 dia(s) do mês de dezembro do ano de 2022, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Prof. Dr. Kall Lyws Barroso Sales

1º Prof./a Examin./a: Prof. Ms. Yann Jean Christophe Hamonic

2º Prof./a Examin./a: Profª. Drª. Eliana Kefalás Oliveira

que julgou o trabalho (X) APROVADO ( ) REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador: 9,0 (nove inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 9,0 (nove inteiros)

2º Prof./a Examin./a: 9,0 (nove inteiros)

totalizando, assim a média 9,0 (nove inteiros), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que

será assinada pela Comissão.

Maceió, 21 de dezembro de 2022.

\_\_\_\_\_  
Prof./a Orientador/a: Kall Lyws

\_\_\_\_\_  
1º Prof./a Examin./a: Yann Jean

\_\_\_\_\_  
2º Prof./a Examin./a:  
Eliana Kefalás Oliveira

\_\_\_\_\_  
VISTO DA COORDENAÇÃO

**UFAL**  
maisviva



inclusão **Universidade Federal de Alagoas - Ufal**  
expansão Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970  
inovação **Coordenação da Faculdade de Letras – Fale** Site: [www.fale.ufal.br](http://www.fale.ufal.br) E-mail: [coordlet@ufal.br](mailto:coordlet@ufal.br) Fone  
(82) 3214-1333

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Criador, pois me permitiu ter chegado até aqui, realizando um sonho antigo, mas que sempre esteve vivo dentro de mim, consentindo cursar esta jornada enriquecendo meu conhecimento com as culturas francófonas.

Agradeço à minha família, pelo apoio constante. Meus filhos, Pedro, Gabriel e Linda Júlia, por sempre me encorajarem a vencer os desafios deste mundo, até então desconhecido para mim, de grandes desafios no decorrer do curso.

Agradeço às minhas colegas de Letras-Francês, Marilâne e Karina, por terem participado, a todo instante, do meu aprendizado durante a graduação, pelas horas de risadas, pela parceria nos trabalhos e pelo companheirismo.

Agradeço à professora Lúcia de Fátima Santos, pela acolhida nos primeiros semestres do curso. Ela que se tornou uma grande amiga e mentora nos momentos mais obscuros que enfrentei, e que me fez redescobrir a escrita através do grupo de estudos sobre letramento acadêmico.

Agradeço à professora Ana Clara M. de Medeiros, que me incentivou a aprofundar os estudos da teoria da literatura através de seu olhar analítico nas linhas e entrelinhas dos poemas, dos romances.

Agradeço à professora Rosária, pela disponibilidade e por seu carisma em todo momento que precisei de sua ajuda para a concretização dos trabalhos de estágio.

Ao meu orientador Kall Lyws Barroso Sales, um agradecimento especial por abraçar este projeto comigo, pela oportunidade que me deu de fazer parte de um dos seus projetos de pesquisa científica e pela oportunidade de participar de eventos acadêmicos. Sou grata pela paciência, por sua resiliência, pelos ensinamentos e constante apoio a este projeto.

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta os resultados da análise dos paratextos editoriais do romance infanto-juvenil *Haiti Chérie/Rêves Amers* da autora Maryse Condé, de Guadalupe, editado e publicado pela editora francesa, Bayard de Poche. Nossa investigação nos permitiu conferir e apontar os paratextos que se diferenciam de uma edição para a outra. Conforme Genette (2009), todos os textos se apresentam ao leitor permeados de paratextos, de modo que estes que tem como funções apresentá-lo, discuti-lo, expandi-lo, criticá-lo. O paratexto funciona para fazer existir um texto. Para tanto, empregamos como aportes teóricos metodológicos Genette (2009), Frías (2010), Torres (2011), entre outros estudiosos. Para efeito deste trabalho, damos ênfase ao peritexto da obra, pois tratamos do estudo da capa, da quarta capa, muitas vezes conhecida como contracapa, das notas de rodapé e das imagens do romance, trazendo contribuições e sentidos à obra na tentativa de tornar a pesquisa passível de compreensão para futuros leitores.

**Palavras-chave:** Paratextos, literatura francófona, Maryse Condé.

## RÉSUMÉ

Cette recherche présente les résultats de l'analyse des paratextes éditoriaux du roman pour enfants *Haïti Chérie/Rêves Amers* de l'auteur guadeloupéenne Maryse Condé, édité et publié par l'éditeur français Bayard de Poche. Notre enquête nous a aussi permis de vérifier et de pointer les paratextes qui diffèrent d'une édition à l'autre. Selon Genette (2009), tous les textes sont présentés au lecteur imprégnés de paratextes, de sorte que ceux-ci remplissent différentes fonctions, telles que: le présenter, le discuter, l'étoffer, le critiquer. Le paratexte travaille à faire exister un texte. Pour ce faire, nous utilisons Genette (2009), Frías (2010), Torres (2011), entre autres chercheurs, comme contributions théoriques méthodologiques. Pour les besoins de ce travail, nous insistons sur le péri-texte de l'ouvrage, car nous traitons de l'étude de la couverture, de la quatrième de couverture, souvent appelée quatrième de couverture, des notes de bas de page et des images du roman, apportant des contributions et des significations à ce travail dans le but de rendre la recherche compréhensible pour les futurs lecteurs.

Mots clés: Paratextes, Littérature francophone, Maryse Condé.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Maryse Condé: uma escrita com muitas histórias.....	9
3. Paratextos Editoriais: um estudo descritivo.....	12
3.1 Análise dos paratextos de <i>Haiti Chérie</i> (1991) e <i>Rêves Amers</i> (2001).....	15
4. Considerações Finais.....	29
5. Referências Bibliográficas.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Entrar para o curso de Letras foi uma realização marcada por desafios e muito aprendizado, não só por estudar uma nova língua, mas por todo conhecimento adquirido nas aulas de literatura. Foram dias e noites de muita dedicação para trazer à luz o conhecimento e respostas para as curiosidades pertinentes que obtive durante minha vida como leitora, uma apaixonada por livros, por cada detalhe que fazia parte de cada livro que ganhei na infância e dos que passei a ler já adulta.

Na minha infância tive coleções de revistas em quadrinhos que me fascinavam pelas ilustrações e expressões contidas em cada imagem, lia o texto e em seguida olhava a imagem e, dessa forma, fazia uma releitura só que, dessa vez, com mais detalhes sobre o que estava sendo lido. Não imaginava que aquelas leituras e o contato com as imagens nelas contidas poderiam ser parte de uma pesquisa sobre esses elementos, chamados paratextos (GENETTE, 2009) que compõem as obras e dizem tanto sobre elas.

A partir das noções de paratexto de Gérard Genette, Frías (2014) apresenta a terminologia “*paratradução*”, conceito utilizado para definir as produções paratextuais existentes em textos traduzidos. Ele explica que:

“o objetivo principal da criação da noção de paratradução é o de lembrar-nos, e enfatizar, o papel essencial desempenhado pelos elementos paratextuais na tradução, ou seja, participação, juntamente com o texto, na construção do sentido do texto finalmente editado e publicado” (FRÍAS, 2014, p. 27).

Na juventude, comecei a lecionar para um público infantojuvenil e, a partir desse momento, passei a fazer muita leitura para eles e com eles. Durante esse tempo, participei de vários cursos e congressos voltados para o ensino, tendo como princípio didático e caráter educativo a literatura infantojuvenil. Nesse período, enquanto ensinava, através da leitura desses livros pude compreender quando FRÍAS (2014), citado por ROSA (2019), diz que a literatura infantojuvenil, no primeiro momento, envolve dois ouvintes dissemelhantes que são: a criança e o jovem. Em um segundo momento, envolve o adulto, enredado através da leitura dessa narrativa, conectando-os na mesma obra, tornando um texto abrangente. (FRÍAS *Apud* ROSA, 2019, p. 23). Nesse âmbito, segundo Oittinen (2000), o autor de uma obra infantojuvenil tem como base para o conteúdo dela tudo aquilo que ele acredita ser ideal e relevante para uma criança, que será explicitado através de uma linguagem direcionada a esse público e preocupação com os assuntos abordados para uma maior compreensão do conteúdo.

O texto literário produzido por escritoras e escritores, na sua forma mais corriqueira, o livro, é a soma do ofício de diversas pessoas, cujos talentos são mais variados: capistas, ilustradores/as, revisores/as, desenhistas, editores e tantos outros. Todavia, cabe aos responsáveis pela elaboração do objeto livro seduzir e alimentar as expectativas de leitores/as através dos elementos que o compõem, seus títulos, subtítulos, ilustrações, orelhas, quarta capa, notas sobre o autor, sinopses do livro e trechos de críticas.

Pensando neste universo de artistas imbricados/as na feitura do livro, esta pesquisa foi desenvolvida no campo das Literaturas Estrangeiras Modernas, o que me deu a oportunidade de trabalhar de discutir as literaturas francófonas das Américas e, em especial, a obra infanto-juvenil *Haïti Chérie* da autora Maryse Condé, autora de renome internacional e laureada com o prêmio Nobel alternativo de literatura em 2018. A investigação empírica teve início durante o projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, realizado no ciclo 2019-2020, que teve como título as “Literaturas francófonas no ensino de FLE”, com o objetivo de discutir a produção de textos literários em língua francesa de países das Américas e do Magrebe, e sua presença nos cursos de Francês como Língua Estrangeira. Já no Ciclo seguinte, no projeto “Tradução e Recepção de literatura francófona no Brasil: tradução comentada e anotada da obra *Haïti Chérie* (1991) de Maryse Condé”, pesquisamos a recepção das obras de Maryse Condé no Brasil.

Na esteira destes projetos, o presente trabalho de conclusão de curso analisa os paratextos de um mesmo romance que recebeu dois títulos distintos: *Haïti Chérie* (1991) e *Rêves Amers* (2001) de Maryse Condé. Nosso método investigativo foi de cunho bibliográfico e teve como aporte teórico os estudos dos paratextos segundo Genette, publicados no livro *Paratextos Editoriais* (2009), segundo o texto *Au seuil de la traduction: la paratraduction* (2010), de Yuste Frías, e segundo o livro *Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento* (2011), de Marie-Hélène Catherine Torres.

Através do diálogo com essa teórica e com esses teóricos, foram sistematizadas as características dos paratextos, principalmente dos peritextos: capa, título, notas de rodapé, iconografia e quarta capa, que fundamentam a coleta dos elementos aqui analisados. Após esta etapa, foram selecionados os paratextos das duas edições do romance de Maryse Condé: *Haïti Chérie* de 1991 e *Rêves Amers* de 2001 para uma análise descritiva.

Do ponto de vista da análise, o estudo foi direcionado para quatro itens paratextuais específicos: 1) as capas das duas edições 2) as quartas capas das duas edições 3) as imagens das duas edições 4) as notas de rodapé. A análise desdobrou-se, também, na observação de

itens como título, menção do nome do ilustrador, cores utilizadas na composição dos livros, comentários, nome da editora e se a obra se insere numa coleção, direcionando a sua recepção à cultura destinada.

## 2. Maryse Condé, uma escrita com muitas histórias

Maryse Liliane Appoline Boucolon, escritora que ficou conhecida como Maryse Condé, nasceu em 11 de fevereiro de 1934, em Point-à-Pitre, Guadalupe - ilha entre o mar do Caribe e o oceano atlântico, a sudeste de Porto Rico. Aos dezesseis anos, se mudou para Paris, indo estudar no Lycée Fénelon e na Sorbonne. É doutora em literatura comparada pela Universidade de Paris III, tendo como linha de pesquisa os estereótipos negros na literatura caribenha. Durante 12 anos viveu na África Ocidental, em Guiné, Gana e Senegal, onde lecionou francês entre os anos de 1960 e 1968. Se tornou ativista e professora emérita de francês e filologia românica na Columbia University, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, e propagadora da história e cultura africana nas Caraíbas. Com sua escrita de pensamento feminista, ela povoa sua ficção com mulheres fortes e questiona as violências do mundo, a escravidão, a exploração de África e a condição do negro no mundo, escrevendo ficção histórica, contos, novelas, ensaios, poemas e outros gêneros.

Sua escrita passeia por diversos gêneros e, dentro desta constelação de escritos algemas de suas obras se destacam na literatura caribenha contemporânea: *Heremakhonon* (1976), *Une Saison à Rihata* (1981), o romance best-seller *Ségou* (1984) e *Ségou II* (1985), *Nanna-ya* (1985), *Eu, Tituba ... Bruxa Negra de Salem* (1986), *Haïti chérie* (1986), republicado com o título *Rêves amers* (2005), *The Villainous Life* (1987) e tantas outras. Condé possui também em sua obra, peças, ensaios sobre literatura e política, assim como romances infantojuvenis como *Haïti chérie* (1991).

A importância social da autora se justifica pela sua vasta produção literária, pelos inúmeros prêmios recebidos, inclusive, em 2018, o Nobel alternativo de literatura da organização sueca *The New Academy*, e por sua abordagem sobre racismo, crioulisto literário, patriarcado e a mulher na sociedade, além de ter contribuído com a elaboração do livro-manifesto *Pour une littérature-monde en français* (2007), no qual diversos autores defendiam a utilização do conceito “literatura-mundo” ao invés de literatura francófona. Há, em 2019, a tradução para português brasileiro de um dos maiores sucessos de Condé, o

romance *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém*, traduzido por Natalia Borges Polesso, prefaciado por Conceição Evaristo, publicado pela editora Rosa dos Tempos.

Com toda essa importante produção para o mundo francófono, percebe-se que Maryse Condé tem sido cada vez mais pesquisada e estudada nos programas de pós-graduação no Brasil. Como exemplo, em 2011, Cavagnoli publica o artigo “Atravessando o mangue com Maryse Condé: a crise entre assimilação, ventriloquia, resistência e liberdade” e, em 2016, defende uma tese sobre a autora no programa de pós-graduação em Literatura da UFSC.

Condé teve quatro filhos. Sua vivência como avó durante a infância de sua neta Raki a fez perceber a relevância em saber atrair o interesse de uma criança para assuntos tão pertinentes em sua formação como ser humano, futuros adultos, fazendo-os refletir sobre seu papel diante de uma sociedade que precisa conhecer sua história, sua hereditariedade.

Em uma entrevista a Pfaff, a autora afirma:

J'ai écrit pour la jeunesse pour une raison simple : les enfants me paraissent terriblement intelligents, mais il faut savoir attirer leur attention sur un fait ou sur un autre. J'ai vu de près avec ma petite-fille Raki, lorsqu'elle était enfant, que tout pouvait l'intéresser à condition qu'on sache comment le lui présenter. Je me suis donc dit que parler aux enfants du monde tel qu'il est, atroce, dur à vivre, et leur parler de la vie compliquée et scélérate, est une gageure que j'entreprends de bon gré pour les faire réagir. Par exemple comment parler aux enfants de l'esclavage ! Écrire pour la jeunesse est un désir de lui apporter une réflexion sur le monde tel qu'il a été ou tel qu'il est. [...] Je crois que c'est un reste de militantisme ! (CONDÉ *apud* BONNET, 2017)<sup>1</sup>

É interessante perceber a mutabilidade presente na escrita de Condé que conversa de maneira direta ao gênero que ela escreve e público-alvo que ela almeja, de modo a expressar as temáticas transpassadas em toda sua obra, porém abordando novas perspectivas literárias, trazendo um novo olhar para os problemas e problemáticas manifestados que a autora explora em seu universo literário.

Ainda sobre essa relação da autora com a literatura infanto-juvenil Barboza e Sales afirmam:

Percebemos, na fala da autora, que essa inteligência aguçada das crianças desperta nela a vontade de escrever sobre questões dolorosas e difíceis de discutir como o

---

<sup>1</sup> Escrevi para os jovens por um simples motivo: as crianças me parecem terrivelmente inteligentes, mas é preciso saber atrair a atenção delas sobre uma coisa ou outra. Vi isso de perto com minha neta Raki, quando ela era criança, tudo poderia interessá-la desde que a gente soubesse como apresentar a ela. Então pensei que falar com as crianças sobre o mundo tal como ele é, atroz, difícil de viver, e falar com eles da vida complicada e iníqua é um desafio que eu assumi de bom grado para fazê-los reagir. Por exemplo, como falar com as crianças sobre escravidão! Escrever para os jovens é um desejo de trazer para eles uma reflexão sobre o mundo tal como ele foi ou é.[...] Acho que ainda é um pouco de militância. [Tradução de Karina Barboza e Kall lyws Sales]

racismo, a violência contra as mulheres, as opressões de classe. Sua escrita sensível, e que apresenta temas dolorosos, nos levanta contra a inércia para que se possa refletir sobre o mundo, agir contra desigualdades e se rebelar contra situações de opressão. Dentro desse mundo tão adverso e cheio de desafios, Condé encontra o lugar da narrativa de seu romance *Haïti Chérie*. (BARBOZA; SALES 2021, p. 320)

Através de uma obra literária destinada ao público infantil, podemos apoiar o aprendizado contribuindo para o desenvolvimento de valores no leitor enquanto criança sem menosprezar o processo de formação que ela também faz parte, suscitando reflexões em torno de assuntos que tocam, muitas vezes, em tabus e temas polêmicos da sociedade possibilitando este leitor pensar sobre sua própria vida e experiência ressignificando-a.

O romance de Maryse Condé analisado neste estudo, em sua primeira edição, tem como título "*Haïti Chérie*", e foi publicado em 1991 na coleção *Je bouquine* da editora Bayard. Já a segunda edição do mesmo romance foi publicada dez anos depois, em 2001. O romance, então, é apresentado como novo título, "*Rêves Amers*", publicado pela mesma editora e coleção, mas não conta com as ilustrações de Truong. Agora, as ilustrações são assinadas por Bruno Pilorget e são apresentadas apenas nas capa e quarta-capa. O enredo do romance relata os sonhos e decepções vivenciados por uma jovem haitiana de 13 anos que mora em Limbé e se muda para Port-au-Prince e permite conhecer fragmentos do Haiti, seus aspectos históricos, políticos e religiosos, circunscrevendo a memória do país na malha literária.

### 3. Paratextos Editoriais: um estudo descritivo

Chamamos de paratextos o conjunto de elementos textuais que acompanham uma obra literária e eles são constituídos por formas variadas, elementos visuais, elementos verbais, que podem estar presentes em capas, quartas capas, lombadas, títulos, índices, notas de rodapé, prefácios, glossários, bibliografias dentre outros, contribuindo para a motivação da leitura das obras e ampliando as significações do texto. Como o sufixo grego “para” expressa a noção de “cerca de”, “perto”, “junto a”, “antes”, “em”, “entre”, portanto, eles podem ser entendidos como textos que acompanham outros textos.

Todos os textos, conforme Genette (2009), se apresentam ao leitor permeados de paratextos, de modo que estes desempenham diversas funções, tais como: apresentá-lo, discuti-lo, expandi-lo, criticá-lo. O paratexto funciona para fazer existir um texto, “[...] para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.” (GENETTE, 2009, p. 9). O autor subdivide o paratexto em duas categorias, o “peritexto”, ligado aos textos dentro do mesmo suporte como: as capas, as quartas capas, as folhas de rosto e anterrosto, orelhas, prefácios, posfácios, introduções autorais ou alográficas, notas, glossários, e o “epitexto”, ligado aos textos que se referem a obra, mas que não estão juntos ao suporte, como entrevistas e críticas.

Toda zona do peritexto que se encontra sob responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da edição, isto é, do fato de um livro ser editado e eventualmente reeditado, e proposto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes. (GENETTE, 2009, p.21)

De acordo com o autor, o peritexto é composto pela totalidade da obra que comporta textos não verbais e/ou verbais, ilustrações, escolha do material das páginas, capas, anexos, e similarmente consideradas sob responsabilidade da edição. Nessa situação, uma das principais confissões da conclusão deste último livro era que “trata-se tão somente de uma introdução e de um estímulo ao estudo do paratexto” (GENETTE, 2009, p. 407).

“[...] Genette expressa de forma muito clara em suas publicações dedicadas ao paratexto: sem paratexto, o texto não existe. Um texto sem seus paratextos é invisível porque não existe no mundo editorial. Por esta razão a nossa eterna insistência na união indissolúvel que sempre existe entre o texto e seu(s) paratexto(s) correspondente(s), expressa, magistralmente, por Gérard Genette na simbólica frase: Et si le texte sans son paratexte est parfois comme un éléphant sans cornac, puissance infirme, le paratexte sans son texte est un cornac sans éléphant, parade inepte (YUSTE FRÍAS, 2012, p. 289)

Baseando-se nos estudos sobre paratextos à luz desta perspectiva sobre eles (GENETTE, 2009; TORRES, 2011; YUSTE FRÍAS, 2012; SALES, 2014), nossa reflexão se inicia ao elencarmos algumas pesquisas que dialogam com os estudos de Genette. A primeira delas é o estudo publicado no artigo “Paratextos em Antologias de Crônicas” (MORAIS; RAMOS, 2018). Neste estudo, as autoras analisam antologias e os elementos paratextuais presentes nelas, evidenciando que os paratextos facilitam o diálogo entre leitor e texto e concluem que “olhar para as molduras de um texto pode favorecer seu entendimento” (2018, p. 111)”. Em sua conclusão, as autoras ainda atestam que “os paratextos, em sua maioria, contribuem para a leitura total do exemplar, pois trazem, de certa forma, chaves de leitura. Lembra-se, por exemplo, de que no prefácio é estabelecida proposta de diálogo entre a obra e o leitor visado” (MORAIS; RAMOS, 2018, p.111).

Com relação aos paratextos em obras literárias infantis, fazemos referência a duas pesquisas atuais. Uma delas é o trabalho intitulado “O papel dos paratextos na estratégia de leitura em Grande Livro dos Medos, de Emily Gravett”, que discute os paratextos como elementos que contribuem para o letramento de pequenos leitores e auxiliam no entendimento do texto (DUARTE; SEGABINAZI, 2020). Ao discorrerem sobre os paratextos de obras infantis, Duarte e Segabinazi fundamentam sua reflexão nos preceitos de Genette, confirmando que os paratextos constituem-se como elementos que exercem a função de apresentar e presentificar o livro, cercando-o e prolongando-o (DUARTE; SEGABINAZI, 2020, p. 77). Do ponto de vista das autoras, no caso da obra *Grande Livro dos Medos*, cada elemento tem uma função, contribuem para a leitura e fazem parte da narrativa, “compondo [...] a totalidade estética do livro ilustrado e interfer[indo] na relação do leitor com a obra” (ALMEIDA; BELMIRO *apud* DUARTE; SEGABINAZI, 2020, p. 77), de modo que “a supressão de sua leitura e de sua compreensão poderia comprometer o sentido integral da narrativa” (*Ibid.*, p. 77).

Outra pesquisa que dialoga com nossa perspectiva sobre os paratextos é apresentada no artigo “Paratextos em Livros Literários Infantis: Entre texto, paratexto e leitor”, as autoras, ao analisarem a obra *A bruxinha e o dragão*, de Jean-Claude R. Alphen, confirmam que os paratextos estabelecem uma relação de complemento na apresentação da obra e “os elementos icônicos e convencionais da capa e da quarta capa antecipam dados da história a ser lida, como por exemplo, as informações do *press release* que influenciam nas imagens da capa e do título, e vice-versa” (RAMOS; FURTADO; VALENTIN, 2021, p. 90). Isso gera uma conexão entre o leitor e o texto, mediadas pela escolha das imagens, das informações

presentes na capa e na quarta capa, evidenciando seu valor diante de uma narrativa para o público infantil.

Para efeito deste trabalho, demos ênfase ao peritexto da obra. Genette (2009) informa que, atualmente, é comum encontrarmos capas que apresentem o nome do autor, o título da obra e o selo do editor, ainda que existam obras nas quais este último elemento apenas esteja na lombada. Também podem constar na capa, os nome do(s) tradutor(es), do(s) prefaciadores, do(s) responsáveis pelo estabelecimento do texto e do aparato crítico, dedicatória, epígrafe, retrato do autor ou, em alguns textos biográficos ou críticos, da pessoa estudada, fac-símile da assinatura do autor, ilustração, título e/ou emblema da coleção; nome do responsável pela coleção, menção a uma coleção original (no caso de reedição); endereço do editor, número de tiragem, data, edição, preço de venda.

A escolha de paratextos é muito significativa, pois eles têm muito a dizer sobre as obras, como exemplo, Genette afirma que a escolha da cor das folhas e da capa de um livro podem nos remeter a lembranças, emoções. Ele informa que “uma simples escolha de cor para o papel da capa pode indicar por si só, e com muita vigor, um tipo de livro. No início do século XX, as capas amarelas eram sinônimos de livros franceses licenciosos” (*Ibid.*, p. 28).

Por esse motivo, embora não exista uma regra para a criação da capa de um livro, os capistas tentam criá-la de forma que gere uma expectativa em relação ao conteúdo da obra, aguçando a curiosidade do leitor, considerando que uma das funções da capa e do título é de atrair o futuro leitor, a futura leitora.

É importante ressaltar que, muitas vezes, a responsabilidade não é apenas do capista, pois uma obra literária é um trabalho desenvolvido em conjunto com diversos profissionais do mercado editorial, no qual o editor é quem tem a decisão final sobre o projeto editorial a ser executado. Sendo assim, cada vez mais evidenciamos o “poder” das capas perante as várias reedições e edições comemorativas de diversos autores que continuam tendo suas obras relançadas com diferentes projetos editoriais em busca de atrair uma classe de leitor próprio.

Quanto à quarta capa, também conhecida como contracapa, segundo Genette (2009, p.28), pode apresentar, pelo menos, os seguintes elementos: chamada do nome do autor e do título da obra, nota biográfica e/ou bibliográfica, release, citações a imprensa, ou outras apreciações elogiosas, menções de outras obras publicadas pelo mesmo editor, indicação genérica, manifesto de coleção, data de impressão, número de reimpressão, menção do impressor da capa, do desenhista do leiaute, a referência da ilustração da capa, o preço de venda, o número do ISBN, o código de barras, publicidade paga ao editor. Ela é o verso do

livro, a última capa onde geralmente se encontra o texto de apresentação comercial da obra. Nela, encontramos os primeiros textos de apresentação da obra. Podemos dizer que este texto é um texto decisivo para que o leitor se interesse pelo livro. Muitas vezes, é composto apenas de um parágrafo, contendo inclusive algumas críticas sobre a obra.

Em relação às notas de rodapé, assim como os outros paratextos, são destinados ao leitor do texto, todavia Genette (2009, p. 285) salienta o caráter facultativo da consulta das notas, resultando em uma opção para o leitor que venha a ter interesse por uma “determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota” (2009, p.285).

No momento em que pensamos em literatura infanto juvenil, vem à mente a imagem de um livro com um projeto gráfico da obra bem elaborado em comparação às demais classes literárias, com ilustrações que pode acompanhar parte do enredo contribuindo para o sentido da obra, mesclando o texto verbal com as ilustrações auxiliando para o letramento desses leitores.

No livro infantil ilustrado contemporâneo, frequentemente os elementos paratextuais constituem parte da narrativa, seja comunicando informações essenciais para sua compreensão, seja contradizendo a narrativa principal, produzindo, assim, novas combinações. Desse modo, os paratextos compõem a totalidade estética do livro ilustrado e interferem na relação do leitor com a obra. (ALMEIDA, BELMIRO, 2016, n.p.).

Nesse sentido, Genette (2009) diz que os paratextos - produções verbais ou não verbais que o cercam, prolongam e tornam o livro presente sob a responsabilidade do autor.

### **3.1 Análise dos paratextos de *Haïti Chérie* (1991) e *Rêves Amers* (2001)**

#### **a) Capas**

A análise realizada nesta seção leva em consideração a composição das capas, as cores, as possíveis simbologias e a relação desses elementos com o enredo, outros elementos paratextuais encontrados na capa de cada edição.

A psicóloga, socióloga e professora Eva Heller afirmou, em seu livro "A Psicologia das Cores", que as cores não se usam sem objetivo, e que todas apresentam particularidades no significado e na finalidade, o que pode apontar para a existência de um estreito

envolvimento entre as cores e sentimentos, e que não tem haver com uma questão de preferências, mas um diálogo entre as cores e a nossa linguagem, às nossas crenças.

Heller (2013, p. 300), por exemplo, descreve a cor branca como a cor historicamente associada ao feminino e à inocência. A cor verde, por sua vez, é associada à esperança, em uma possível analogia com a primavera, pois, assim como a semente germina na primavera, a esperança significa renovação depois de um tempo de grandes dificuldades (*Ibid.*, p. 204). O amarelo é descrito como “a mais ambígua das cores” por causa de sua instabilidade, pois, dependendo da cor com que é misturado, obtém-se perspectivas diferentes, cores diferentes. Essa cor pode projetar muita alegria, positivismo, diversão, otimismo, entre muitas outras emoções positivas. Ela pode, entretanto, projetar o contrário e despertar emoções negativas como a desconfiança, o ciúme, a inveja, a avareza, o egoísmo, como também pode indicar um sinal de advertência, o que lhe confere um aspecto mais negativo. (*Ibid.*, p. 158). A autora diz que “o azul é a cor de todas as características boas que se afirmam no decorrer do tempo, de todos os sentimentos bons que não estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua” (*Ibid.*, p. 47) Essa cor faz referência à amizade, à empatia, à honestidade, à confiança e a todo o tipo de valores que têm a capacidade de perdurar eternamente.

O vermelho, por sua vez, é uma cor marcada pelo simbolismo do fogo e do sangue. Em muitas culturas, a tradução para “vermelho” é “sangue” e, mesmo no português, essa cor visceral pode ser comumente chamada de “encarnado”, da cor da carne, do sangue. É uma cor que, se usada em demasia e exposta de forma exagerada, chega sem dúvida a ser muito incômoda. Já em países quentes, pode ser mesmo desagradável e até representar algo demoníaco. Por último, mas não menos importante, mencionar que a cor vermelha se associa diretamente ao amor, à paixão, ao erótico, assim como também pode representar a guerra, a violência e o ódio (*Ibid.*, p. 104 ) O preto é a cor favorita dos jovens. Também é vista como a cor da dor, pois na simbologia cromática cristã, por exemplo, a cor dos trajes dos enlutados é o preto; ela também pode simbolizar o fim, a negação e, até mesmo, o mal. Uma vez que as pessoas mais velhas a associam mais à morte, as pessoas novas veem o preto como moda. Embora também possa representar o mistério e a magia de uma forma mais positiva (*Ibid.*, p. 242).

As capas são paratextos de grande relevância num livro e podem conter evidências do lugar onde a história se passa, podendo ser o limiar de introdução do leitor à obra, revelando

seu contexto. Na capa da edição de 1991, por exemplo, encontram-se os seguintes elementos paratextuais: o nome da autora e da editora, a coleção da qual o livro faz parte e referência ao ilustrador, Marcelino Truong.

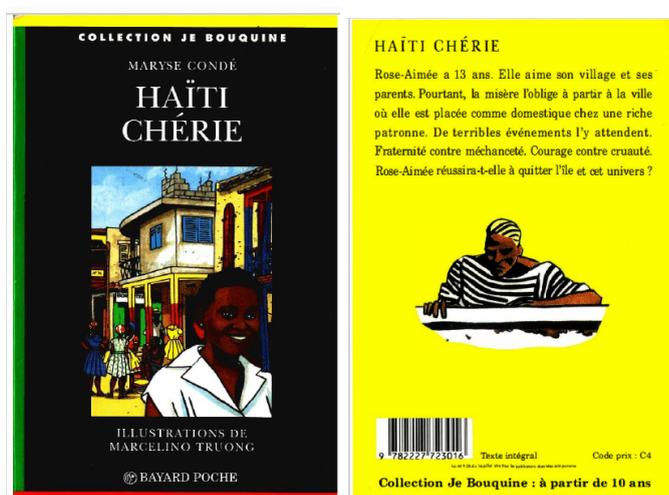


Figura 1: Capa e quarta-capa de *Haïti Chérie* (CONDÉ, 1991)

A capa de *Haïti Chérie* apresenta uma imagem que tem uma menina negra vestida numa camiseta branca, aparentemente feliz, numa rua com casas coloridas nos tons verde, amarelo, azul, branco e vermelho fazendo jus à descrição da avenida Lalue, lócus onde muitos dos acontecimentos narrados acontecem “*la grande artère colorée*” [a grande artéria colorida] (CONDÉ, 1991, p. 51). Como vimos, a composição de cores em uma capa nos livros infanto-juvenis é muito importante, pois:

Nas capas, cores associadas a textos, imagens, formas, materiais e texturas, compõem uma mensagem a respeito do conteúdo da obra. Cores conotam significados e afetam a razão e emoção humanas. Sua percepção é influenciada por aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos, e exerce papel fundamental no design como elemento de influência na decisão das pessoas. (LIMA; PEREIRA, 2019, p. 2788).

Ao chegarmos à segunda capa da edição de 1991, identificamos duas pequenas biografias, a da autora e a do ilustrador:

**Maryse Condé** est née en 1937 à la Guadeloupe. Elle partage son temps entre son pays natal et les États-Unis où elle est professeur. Écrivain pour adultes (Robert Laffont, Le Mercure de France, 10/18) et pour adolescents (Bayard Presse), elle entraîne ses lecteurs dans les îles des Antilles pour leur faire découvrir la vie de ses frères de couleur”

**Marcelino Truong** est né en 1957 à Manille (Philippines). De père vietnamien et de mère française, il passe son enfance entre Saïgon et Londres. À Paris, il obtient une

agrégation d'anglais et se destine au professorat. Mais, attiré par le dessin, il apprend "sur le tas" et débute dans la bande dessinée. Aujourd'hui, il travaille pour la presse et illustre des livres et des albums de BD (Albin Michel, Hachette, J'ai lu). (CONDÉ,1991)

É importante darmos atenção a essas sutis informações sobre os autores, pois, aqui, observamos um livro editado e publicado por uma editora francesa, Bayard de Poche, mas que apresenta a escrita de uma autora de Guadalupe, que trabalha nos Estados Unidos, e as ilustrações de um artista filipino, apresentando aos leitores o caráter transnacional da obra, permitindo a abertura dos horizontes dos leitores franceses. Como vemos no excerto acima, percebemos a intenção da edição em fazer uma pequena apresentação da autora com a data de nascimento, cidade natal, sua profissão, público para qual escreve. Logo em seguida, a apresentação do ilustrador, Marcelino Truong. Para a edição de 1991, é importante fazer a apresentação do ilustrador, pois nela suas ilustrações acompanham os leitores durante toda a narrativa, algo que não acontecerá nas publicações posteriores do romance. As bordas do livro também tem a representatividade das mesmas cores encontradas nas casas e nos tons das roupas que também vemos na ilustração (amarelo, verde e vermelho), o tom preto de fundo de capa e as letras do título, autor, coleção que a obra faz parte e editora da obra.

A capa da segunda edição, publicada em 2001, apresenta apenas dois elementos paratextuais: o nome da autora e ilustração com cores bem diferentes da ilustração da primeira edição (1991).

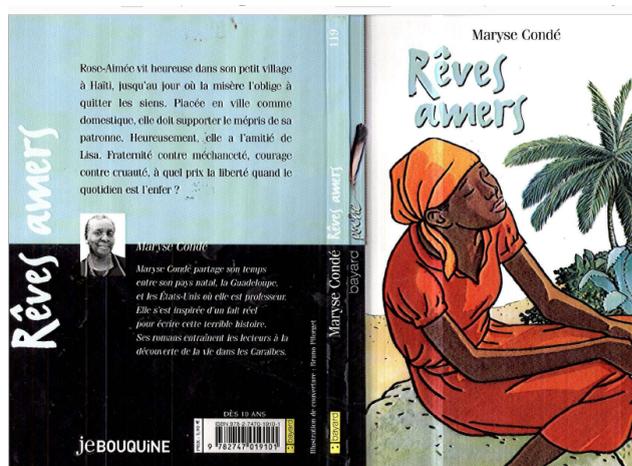


Figura 2: Capa e quarta-capa de *Rêves Amers* (CONDÉ, 2001)

Segundo Pereira (2012) é importante utilizar a cor adequada para se atingir determinados propósitos de comunicação. A capa da edição de 2001, por exemplo, mostra a imagem de uma menina de olhos fechados, de semblante triste, cansada, sentada numa pedra em um ambiente em que predominam tons de cinza e branco. Diferente da capa alegre da edição de 1991, a edição de 2001, construiu a imagem da jovem em um espectro de elementos acinzentados, tom que tem como significado a dúvida, a neutralidade, a monotonia, a indiferença, evocando sentidos de tristeza, melancolia e velhice (PASTOUREUX; SIMONNET, 2013). Essa imagem nos remete a uma praia, pois visualizamos a areia e um coqueiro que compõem o espaço no qual Rose-Aimée vive momentos de alegria e de tristeza ambientados, muitas vezes, nas praias de Port-au-Prince: “à travers un écran de cocotiers, la mer apparut bientôt, vert tendre, parsemée çà et là de crêtes mousseuses” [através de uma tela de coqueiros, o mar logo aparece, verde suave, salpicado aqui e ali com cristas borbulhantes] (CONDÉ, 1991, p. 34).

#### **b) quarta capa**

A quarta capa, ou contracapa, como também pode ser chamada, é a parte do livro que fica do lado oposto da capa. É comum encontrar nesta parte paratextos como trechos críticos sobre a obra, comentários sobre o autor e obra, bem como a relação de outros livros da editora ou da coleção. Na quarta capa da edição de 1991, encontramos um pequeno fragmento que traz ao leitor informações elementares da heroína do romance, Rose-Aimée:

Rose-Aimée a 13 ans. Elle aime son village et ses parents. Pourtant, la misère l’oblige à partir à la ville où elle est placée comme domestique chez une riche patronne. De terribles événements l’y attendent. Fraternité contre méchanceté. Courage contre cruauté. Rose-Aimée réussira-t-elle à quitter l’île et cet univers? (CONDÉ, 1991).<sup>2</sup>

Já na edição de 2001, o texto da quarta-capa também apresenta informações ao leitor da referente ao desenrolar do romance da personagem principal, conhecida como Rose-Aimée, questionando sempre se sua mudança para distante de seus pais vale a pena:

---

<sup>2</sup> Rose-Aimée tem 13 anos. Ela ama seu vilarejo e seus pais. Entretanto, a miséria a obriga a partir para a cidade na qual ela é contratada como empregada na casa de uma rica senhora. Terríveis acontecimentos a esperam. Fraternidade contra maldade. Coragem contra crueldade. Rosé-Aimée conseguirá deixar esta ilha e este universo? (CONDÉ, 1991)

Rose-Aimée vit heureuse dans son petit village à Haïti, jusqu’au jour où la misère l’oblige à quitter les siens. Placée en ville comme domestique, elle doit supporter le mépris de sa patronne. Heureusement, elle a l’amitié de Lisa. Fraternité contre méchanceté, courage contre cruauté, à quel prix la liberté quand le quotidien est l’enfer? (CONDÉ, 2001)<sup>3</sup>

Ambos os textos trazem pinceladas sobre a vida dessa adolescente haitiana. Seu nome é Rose-Aimée, que vive em um pequeno vilarejo no Haiti até o momento em que é encorajada a deixar os seus pais para morar na cidade e trabalhar como empregada para madame Zéphyr, uma rica e poderosa mulher de Port-au-Prince. Em busca de uma vida melhor, ela faz essa viagem e tenta, assim, fugir da miséria que assola seu vilarejo.

Além de apresentar essas pinceladas sobre a narrativa, há uma nota biográfica da autora. Nesta apresentação é citado que Condé passa seu tempo entre sua cidade natal e o país para onde imigrou, os Estados Unidos, no qual trabalha como professora. Por fim, relata que a obra é inspirada em fatos reais e que seus romances contam como é a vida nas ilhas caribenhas.

### c) Dos Títulos

O título funciona como um prenúncio da narrativa e estabelece uma ligação com aquilo que se segue, dando indícios do enredo aos leitores e também articulando o texto com elementos extra diegéticos.

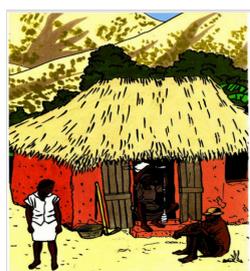
As duas edições do romance de Condé escolhidas para esta análise apresentam uma mudança de título. Na edição de 1991, vemos o título “*Haïti Chérie*”, nome inspirado em uma canção haitiana tradicional, escrita em haitiano, que manifesta as doces lembranças de viver no país natal cujo verso é cantado na narrativa por uma das personagens: “*Il se mit à chanter moqueusement: “Haïti chérie, pli bel pays passé ou nan poin...”* [Ele começou a cantar jocosamente: “Querido Haiti, país mais belo não há] (CONDÉ, 1991, p. 71). Pela narrativa, podemos inferir que o título da canção como título do livro pode evocar uma demonstração de amor à pátria, pois como a canção patriótica já evoca “Haiti Chérie, não há país melhor, mais belo”, em tradução livre. Já na segunda edição (2001), o título foi alterado para “*Rêves amers*”, que pode ser traduzido para o português como “sonhos amargos”. Essa mudança explícita de forma direta os temas abordados na obra, como por exemplo, o exílio, a

---

<sup>3</sup> Rose-Aimée vive feliz em seu pequeno vilarejo no Haiti, até o dia em que a miséria a obriga a deixar sua família. Contratada como empregada, ela precisa aguentar o desprezo de sua patroa. Felizmente, ela tem a amizade de Lisa. Fraternidade contra maldade, coragem contra crueldade, qual o preço da liberdade quando o cotidiano é um inferno? (CONDÉ, 2001)

escravatura, a exploração do trabalho, a liberdade, a revolta, a infância sofrida em decorrência da pobreza e também a morte como resultado de um sonho que não se concretiza.

Em seguida, nós mostramos as ilustrações, desde o capítulo 1 até o capítulo 5. Através dessas imagens podemos observar a história sendo contada como um texto visual, não verbalizada, todavia, fazendo uma leitura das impressões e expressões transmitidas em cada ilustração, podendo utilizá-las de instrumento para que o leitor faça uma leitura criativa. Portanto, as imagens utilizadas têm um teor complementar e ampliativo como também um recurso narrativo. A criança galga o valor de um leitor crítico participando ativamente na produção da leitura escolhida por ela.



p. 4



p. 7



p. 8



p. 12



p. 15



p. 17



p. 19



p. 22



p. 25



p. 26



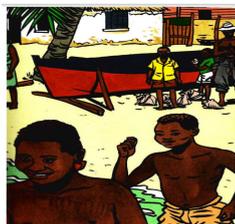
p. 29



p. 31



p. 33



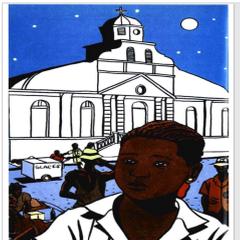
p. 35



p. 37



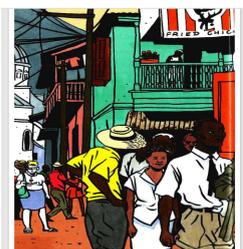
p. 38



p. 40



p. 44



p. 50



p. 52



p. 53



p. 55



p. 59



p. 61



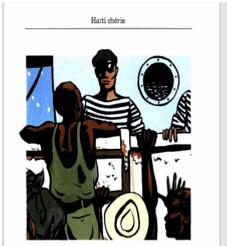
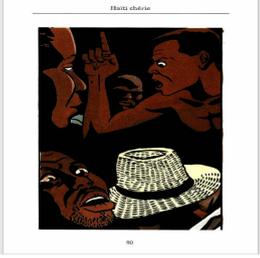
p. 62



p. 64



p. 69

 <p>p. 73</p>	 <p>p. 74</p>	 <p>p. 76</p>
 <p>p. 77</p>	 <p>p. 80</p>	 <p>p. 82</p>

### e) Notas de rodapé

Genette (2009, p. 281) estabelece que as notas são como “um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento”. Segundo o autor, a diferença das notas para outros paratextos, como o prefácio, por exemplo, é “o caráter sempre parcial do texto de referência e, conseqüentemente, o caráter sempre local do enunciado colocado em nota.” (*Ibid.*, p. 281).

Dessa maneira, o alvo das notas, assim como dos outros paratextos, é o leitor. Genette (2009, p. 285) salienta que a consulta às notas de rodapé é uma opção para o leitor que tenha o ímpeto por uma “determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota.” Portanto, as notas são úteis para apresentar um esclarecimento, uma informação ao leitor.

Perante o exposto, Rosa (2019, p.28) elaborou um quadro no qual descreve as definições e classificações sobre as notas de rodapé, segundo Mittmann, os tipos de notas são: “Léxico-semânticas” (auxiliam na solução de impasses vindo no TP, de palavras e expressões

que não pertencem ao léxico da Língua de Chegada (LC)), “Situacionais” (transmitem especificamente informações culturais, assim, situando o leitor sobre o contexto cultural do TP), e por fim, a autora fala sobre a nota intitulada por “Mistas ou de dupla função” (apresentam ao leitor as perspectivas léxico-semântica e ao mesmo tempo o contexto cultural de um termo ou situação). Já os autores Zavaglia, Renard e Janczur nomeiam os tipos de notas como: “históricas” (informam a respeito de dados, nomes ou de eventos históricos), “Explicativas” (simplificam, para o leitor não familiarizado, alguma terminologia), “Atualizadoras” (denominam contextos ou terminologias nas formas mais recentes) e por último, as “Híbridas” (trazem mais de um tipo das perspectivas anteriores).

As notas de rodapé que constam nas duas edições tem o caráter de informar significados de palavras, fazendo com que elas sejam uma continuidade do texto com o intuito de anunciar os conhecimentos de mundo e não de resenhar a história, sendo assim, não cumpre a função crítica. Tanto na edição “*Haïti Chérie*” (1991) quanto na edição “*Rêves amers*” (2001) existe a mesma quantidade de notas de rodapé, dezenove no total.

A seguir, temos um quadro com as notas de rodapé das obras “*Haïti Chérie*” e “*Rêves Amers*” que trazem uma explicação ao mesmo tempo linguística e enciclopédica, apenas reorganizadas em número de páginas diferentes e com um acréscimo de palavras na nota 17.

Tabela 02: Notas de Rodapé

<b>Obra Haïti Chérie (1991)</b>	<b>Obra Rêves Amers (2001)</b>	<b>Classificação</b>
<p><b>Nota 1 (página 5)</b></p> <p>Arbre d’Amérique tropicale dont le fruit est la Calebasse.</p>	<p><b>Nota 1 (página 8)</b></p> <p>*Arbre d’Amérique tropicale, dont le fruit est la Calebasse.</p>	<p><b>Explicativa</b></p> <p><b>Na edição de 1991 a nota, de caráter informativo, foca apenas em explicar qual o tipo de árvore.</b></p>
<p><b>Nota 2 (página 6)</b></p> <p>Indigo: plante dont on tire une teinture bleu foncé.</p>	<p><b>Nota 2 (página 8)</b></p> <p>Indigo: plante dont on tire une teinture bleu foncé.</p>	<p><b>Explicativa</b></p> <p><b>Aborda o que se pode obter dessa árvore.</b></p>

<p align="center"><b>Nota 3 (página 9)</b></p> <p>Gourde: monnaie nationale d’Haïti.</p>	<p align="center"><b>Nota 3 (página 11)</b></p> <p>Gourde: monnaie nationale d’Haïti.</p>	<p align="center"><b>Híbrida</b></p> <p><b>Ela é considerada híbrida e de caráter explicativa como cultural, pois ela apresenta a moeda utilizada no Haïti.</b></p>
<p align="center"><b>Nota 4 (página 10)</b></p> <p>Serein: le soir</p>	<p align="center"><b>Nota 4 (página 12)</b></p> <p>Serein: le soir</p>	<p align="center"><b>Atualizadoras</b></p> <p><b>Nesta nota designam vocabulários utilizados em cada nacionalidade. Nesse caso, do Haïti.</b></p>
<p align="center"><b>Nota 5 (página 11)</b></p> <p>Bouki et Malice: personnages de contes.</p>	<p align="center"><b>Nota 5 (página 13)</b></p> <p>Bouki et Malice: personnages de contes.</p>	<p align="center"><b>Explicativa</b></p> <p><b>Aqui, a nota informa o nome dos personagens.</b></p>
<p align="center"><b>Nota 6 (página 13)</b></p> <p>Loas: esprits intermédiaires entre Dieu et les hommes.</p>	<p align="center"><b>Nota 6 (página 15)</b></p> <p>Loas: esprits intermédiaires entre Dieu et les hommes.</p>	<p align="center"><b>Histórica</b></p> <p><b>A nota apresenta uma definição sobre o nome Loas, sendo considerada informações de cunho religioso.</b></p>
<p align="center"><b>Nota 7 e 8 (página 17)</b></p> <p>*Snow-ball: glace râpée mélangée de sirop.</p> <p>Un billet de borlette: un billet de loterie.</p>	<p align="center"><b>Nota 7 e 8 (página 19)</b></p> <p>*Frescos et Snow-ball: friandises faites avec de la glace pilée et du sirop.</p> <p>**Un billet de borlette: un billet de loterie.</p>	<p align="center"><b>Atualizadora</b></p> <p><b>Nessa nota faz uso de termos de outros contextos.</b></p>
<p align="center"><b>Nota 9 (página 23)</b></p> <p>Bonne-amie: nom que les &lt;&lt;restavek&gt;&gt;, les enfants confiés</p>	<p align="center"><b>Nota 9 (página 26)</b></p> <p>Bonne-amie: nom que les &lt;&lt;restavek&gt;&gt;, les enfants confiés</p>	<p align="center"><b>Híbrida</b></p> <p><b>Nessa nota cultural e explicativa se utiliza um termo para</b></p>

à une famille, doivent donner à leur bienfaitrice.	à une famille, doivent donner à leur bienfaitrice.	<b>informar ao leitor o significado da palavra.</b>
<b>Nota 10 (página 27)</b> Panier caraïbe: panier de vannerie très fine	<b>Nota 10 (página 28)</b> Panier caraïbe: panier de vannerie très fine.	<b>Híbrida</b> <b>Nota explicativa e cultural por apresentar um artesanato, um cesto confeccionado nas ilhas caribenhas.</b>
<b>Nota 11 (página 32)</b> Riz et pois: autre plat très apprécié.	<b>Nota 11 (página 32)</b> Riz et pois: autre plat très apprécié.	<b>Híbrida</b> <b>Essa nota de rodapé é cultural e explicativa, pois apresenta um prato típico haitiano.</b>
<b>Nota 12 (página 34)</b> Lambi: Gros coquillage apprécié pour sa chair au goût un peu iodé.	<b>Nota 12 (página 34)</b> Lambi: Gros coquillage apprécié pour sa chair au goût un peu iodé.	<b>Híbrida</b> <b>Nesta nota apresenta-se uma especiaria regional, tornando-a uma nota cultural e explicativa.</b>
<b>Nota 13 (página 42)</b> Give me five cents: donne-moi cinq cents (environ un franc).	<b>Nota 13 (página 41)</b> Give me five cents: donne-moi cinq cents (environ un franc).	<b>Híbrido</b> <b>Essa nota tem caráter explicativo e cultural, exemplificando a moeda com inclusão de outros idiomas.</b>
<b>Nota 14 (página 47)</b> Créole: langue ou dialecte parlé par les habitants des Antilles.	<b>Nota 14 (página 47)</b> Créole: langue ou dialecte parlé par les habitants des Antilles.	<b>Híbrido</b> <b>Essa Nota tem como cunho, explicativo e histórico, pois ela mostra uma língua falada pelos habitantes da Antilla.</b>
<b>Nota 15 e 16 (página 60)</b> *Makandal et Boukman: célèbres esclaves révoltés qui s'illustrèrent	<b>Nota 15 e 16 (páginas 60 e 61)</b> *Makandal et Boukman: célèbres esclaves révoltés qui s'illustrèrent	<b>Históricas</b> <b>A nota apresenta informações sobre a história dos escravos</b>

<p>l'un autour de 1758, l'autre de 1791.</p> <p>*Hibiscus: fleurs tropicales.</p>	<p>l'un autour de 1758, l'autre de 1791.</p> <p>*Hibiscus: fleurs tropicales.</p>	<p><b>rebeldes que se tornaram famosos entre 1758 e 1791.</b></p>
<p><b>Nota 17 (página 70)</b></p> <p>*Président à vie, Jean-Claude Duvalier fut déchu de son pouvoir en 1986.</p>	<p><b>Nota 17, 18 e 19 (página 70)</b></p> <p>*Président à vie, Jean-Claude Duvalier fut déchu de son pouvoir en 1986.</p> <p>**Proverbe antillais.</p> <p>*** Chanson: &lt;&lt; Haïti Chérie, il n'existe pas de plus beau pays que toi...&gt;&gt;</p>	<p><b>Híbrida</b></p> <p><b>As notas a seguir são classificadas como híbridas por apresentarem informações explicativas e históricas relevantes ao leitor com interesse pelos dados de origem da canção.</b></p>
<p><b>Nota 18 e 19 (página 71)</b></p> <p>**Proverbe antillais.</p> <p>*** Chanson: &lt;&lt; Haïti Chérie, il n'existe pas de plus beau pays que toi...&gt;&gt;</p>		

FONTE: Dados da Pesquisa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição dos elementos paratextuais na publicação final de uma obra literária resulta não apenas em implicações simbólicas, mas também ideológicas, políticas, sociais e culturais (FRÍAS, 2012). O livro se manifesta pela composição dos textos que o envolvem, oportunizando a criação de uma rede de significados. Cada paratexto possui suas próprias peculiaridades, sendo por si só um elemento capaz de contextualizar, ampliar e complementar uma obra. A escolha do paratexto tem um valor significativo para o texto, pois ele tem muito a dizer sobre as obras. Como exemplo, Genette afirma que a escolha da cor das folhas e da capa de um livro podem nos remeter a lembranças e emoções. Ele informa que “uma simples escolha de cor para o papel da capa pode indicar por si só, e com muita vigor, um tipo de livro” (2009, p. 28).

Com base no exposto, como resultado do estudo da obra *Paratextos Editoriais* e da análise dos elementos nas duas edições do romance *Haiti Chérie* (1991) e *Rêves Amers* (2001), observamos duas mudanças significativas no projeto de publicação: 1) a mudança do ilustrador da obra e uma narrativa que se constrói sem o acompanhamento das ilustrações na edição de 2001 e 2) a mudança do título da obra de *Haiti Chérie*, que nos guiou para a canção patriótica do Haiti, para *Rêves Amers*, que nos carrega para as experiências árduas da jovem *Rose-Aimée*, ou seja, criando uma nova cadeia de significações do romance com seus leitores e leitoras.

Apesar de cada elemento paratextual apresentar características capazes de preencher por si só uma pesquisa inteira, acreditamos que, como resultado, este plano de trabalho pode discutir as diferenças e a importância dos paratextos e, principalmente, como estes interagem com o público infanto-juvenil. Foi possível perceber que uma mesma história, de uma mesma autora, publicada em períodos distintos, pode apresentar variações, modificações que agregam novos significados e novos caminhos para a obra no percurso do tempo. Por isso, foi possível evidenciar pelas leituras realizadas, que os elementos paratextuais complementam a obra, criam uma mediação entre ela e os leitores e leitoras, acompanhando a sua recepção e, ao mesmo tempo, contribuindo para uma experiência amplificada dela, principalmente nas obras infanto-juvenis com a utilização de recursos imagéticos que acompanham o pequeno leitor ao longo da narrativa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tatyane Andrade; BELMIRO, Celia Abicalil. **Literatura infantil e multimodalidade: o papel dos paratextos no livro ilustrado**. Pesquisas em discurso pedagógico, v. 1, p. 1-17, 2016.
- BARBOZA, Karina Oliveira; SALES, Kall Lyws Barroso. **Plurilinguismo e interculturalismo nas literaturas francófonas: uma análise da obra de Maryse Condé**. Cadernos de Pesquisa da FALE.2021.
- BONNET, Véronique. La littérature de la Caraïbe pour la jeunesse : des histoires à part ou l'histoire à part entière ?. In: **Amnis [En ligne]**, n. 16, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amnis/3147>. Acesso 06 dez. 2022.
- DUARTE, Cristina Rothier; SEGABINAZI, Daniela Maria. **O papel dos paratextos na estratégia de leitura em Grande Livro dos Medos, de Emily Gravett**. R. Letras, Curitiba, v. 22, n. 37, p. 64-81, jan/jun 2020.
- FRÍAS, Yuste. **Paratextualidade e tradução: A paratradução da literatura infantil e juvenil**. In: Cadernos de Tradução. Tradução de Gisele Tyba Mayrink Orgado. Florianópolis, v.2, n.34, jul/dez 2014.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros - Cotia, SP: ateliê Editorial, 2009.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva - 1 ed.- São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- LIMA, Yasmine; PEREIRA, Carla. **A capa do livro e suas cores: o papel do matiz na interpretação da mensagem**.
- MORAIS, Caroline; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Paratextos em antologias de crônicas**. Revista do GEL, v. 15, n. 1, p. 100-114, 2018.
- PASTOUREAU, Michel; SIMONNET, Dominique. **Le petit livre des couleurs**. Français, Seuil, 2007.
- PEREIRA, C. (2012). **A cor como espelho da sociedade e da cultura: um estudo do sistema cromático do design de embalagens de alimentos**. 376 f. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- RAMOS, Flávia Brocchetto; FURTADO, Maria Isabel Silveira; VALENTINI, Carla Beatris. **Paratextos em Livros Literários Infantis: Entre texto, paratextos e leitor**. Revista Interfaces, v. 12, n. 01, p. 83-95, 2021.
- ROSA, Kelly Carrion da. **Todas as crianças crescem, menos uma: análise das notas de rodapé na tradução de Peter Pan**. 2019.

SALES, Kall Lyws Barroso. **No limiar da tradução: paratextos e paratraduções de Le Gone du Chaâba de Azouz Begag**. 2014.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento**. Volume 1. 2011.